

## ENTREVISTA PROF. FERNANDO MASANORI – 22 DE NOVEMBRO DE 2024 PARA O CENTRO DE MEMÓRIA

Entrevistadores:

Prof. Gerson Carlos Favalli

Sardes Aparecida Batista – Bibliotecária

Nascido em primeiro de setembro de 64 em São Paulo, capital.

Possui graduação na USP – Computação concluído em 1988 e mestrado no ITA concluído em 2001

Atualmente, é professor da Faculdade de Tecnologia de São José dos Campos.

### 1. Fale um pouco sobre você

Desde jovem, sempre fui curioso e interessado em aprender. Li muito sobre literatura clássica e cultura geral. Minha descendência japonesa e minha experiência como filho de imigrantes me ensinaram o valor do aprendizado e da disciplina. Meus pais se separaram quando eu era pequeno e, ao mesmo tempo, o negócio do meu pai faliu, deixando nossa família em dificuldades financeiras. Comecei a trabalhar cedo para ajudar minha mãe a sustentar a mim e minhas duas irmãs.



Uma prima pagou um ano de cursinho pré-vestibular para mim, o que me permitiu ingressar na USP no curso de Ciências da Computação. Durante a graduação, conheci o Opus Dei, uma instituição católica que me ensinou sobre o valor do trabalho bem-feito e do cuidado com os detalhes, moldando profundamente meu caráter.

### 2. Quais foram suas atividades profissionais antes de entrar na FATEC SJC?

Após a faculdade, trabalhei em grandes empresas, como Software Express, Mastercard, Itaú e PriceWaterhouseCoopers. Sempre fui muito dedicado ao trabalho, mas isso me levou a um “burnout” e a uma recomendação médica para mudar de área. Decidi me mudar para São José dos Campos, fazer um mestrado no ITA e seguir carreira acadêmica. Comecei o doutorado, mas, em 2004, meu pai foi diagnosticado com esclerose lateral amiotrófica (ELA). Voltei para São Paulo e passei o ano de 2005 cuidando dele até seu falecimento. Esse período foi muito difícil, e a depressão que se seguiu, me impediu de continuar os estudos. Eu conseguia me concentrar para preparar e dar aulas, mas não tinha a mesma capacidade para a pesquisa acadêmica.

Nunca deixei o mercado, antes focava em instituições financeiras como Itaú, Credicard e Mastercard. Depois do “*burnout*”, comecei a trabalhar na área de pesquisa. Em São José dos Campos, trabalhei no centro de pesquisas da UNIVAP, onde auxiliei no uso de um computador paralelo IBM SP2 para previsão do tempo e engenharia biomédica.

Minha orientadora na USP me indicou um professor especial para o mestrado, Nei Yoshihiro Soma, chefe do departamento de Engenharia de Computação do ITA. Ele teve um papel fundamental no meu desenvolvimento acadêmico.

### **3. Como foi o processo de admissão na FATEC SJC?**

Em 2006, quando a FATEC estava começando, vi uma oportunidade de construir algo do zero e ajudar a formar novos profissionais. Para mim, era mais do que um trabalho; era a chance de contribuir para uma comunidade de aprendizado e inovação.

Desde o início, busquei adotar metodologias que valorizassem o erro como parte do aprendizado. Meu envolvimento com a comunidade Python e a criação de projetos com empresas parceiras tornaram-se uma extensão dessa motivação. Minha frase “quando você errar num programa, diga: 'Eu sou feliz, vou aprender mais'” expressa bem essa visão.

### **4. Em que curso você começou a dar aulas e como foi essa experiência?**

Minha entrada na FATEC aconteceu por uma coincidência interessante. Eu dava aulas particulares e orientação científica, e um dos meus alunos, Mauro Rios, era filho do professor Wellington Rios, então diretor da FATEC. Mauro mencionou que seu pai estava procurando um professor para dar aulas de Informática. Conversei com o professor Wellington e aceitei dar aulas no Curso de Logística. No ano seguinte, 2007, iniciamos o curso de Informática, e eu assumi a responsabilidade pela implantação do curso.

### **5. Como eram as condições de ensino no Parque Tecnológico?**

O Parque Tecnológico tinha uma estrutura bonita e futurista, mas também algumas dificuldades. Não havia janelas, o que tornava o ambiente abafado quando o ar-condicionado não funcionava. Apesar disso, a comunidade acadêmica era muito unida.

Nos primeiros anos, enfrentamos desafios como a falta de laboratórios de Informática suficientes. Organizamos eventos marcantes, como a Semana de Inovação Tecnológica, que teve grande repercussão na região. Com o tempo, conseguimos ampliar a infraestrutura e melhorar as condições para alunos e professores.

## **6. Como foi sua atuação na coordenação do curso de Informática?**

No início, fui responsável pela implantação do curso, o que envolvia a contratação de professores. Naquela época, todas as FATECs tinham docentes emergenciais, e a Controladoria Geral da União exigiu a regularização. Fizemos 32 concursos em um ano para suprir essa demanda.

## **7. Como foi a mudança para o novo prédio?**

A transição para o novo prédio foi um alívio. Passamos a ter uma excelente estrutura, com um andar e meio dedicado a laboratórios. Isso proporcionou uma qualidade de ensino rara, já que muitas faculdades têm poucas aulas práticas de programação.

Além disso, por meio de contatos no setor de tecnologia, antevíamos pregões ganhos do Centro Paula Souza, e assim conseguimos um grande número de computadores e servidores antes mesmo da inauguração do prédio. Isso garantiu que a unidade tivesse laboratórios bem equipados desde o início.

## **8. Como foi sua experiência durante a pandemia?**

A pandemia nos impactou desde o início. Tínhamos alunos e ex-alunos que estavam na China, e alguns deles estavam na província onde os primeiros casos surgiram. O Arthur e a esposa dele, ambos da segunda turma de Logística, mantinham contato comigo e relatavam como a situação lá era grave – tudo havia fechado. Isso foi no final de 2019. Já em novembro daquele ano, eles alertavam que as restrições eram severas e que a situação era muito séria. Quando os primeiros casos começaram a aparecer no Brasil, no início de 2020, já sabíamos que algo preocupante poderia acontecer. Em março daquele ano, as aulas começaram, mas logo depois precisaram ser interrompidas.

O Centro Paula Souza tomou uma decisão que considero muito acertada. Não foi algo imposto de cima para baixo de forma arbitrária, mas houve um planejamento: foi estipulado um prazo de 30 dias para que nos preparássemos e, então, as aulas retornaram de forma online. Naquele período, muitas universidades perderam o ano inteiro devido à inércia e à indefinição. Enquanto algumas instituições ficavam debatendo se voltariam ou não, nós conseguimos manter o vínculo com os alunos – e isso foi essencial. O risco de abandono era enorme, e manter esse contato ajudou muitos alunos a não desistirem.

Foi necessário adaptar todo o processo de avaliação, pois o modelo tradicional não funcionaria naquele contexto. Mas, além do conteúdo acadêmico, percebemos algo ainda mais importante: a Fatec era um suporte essencial para os alunos, principalmente em relação à saúde mental. O ensino superior no Brasil tende a ser excessivamente focado no conteúdo, "conteúdo-cêntrico", mas a pandemia nos mostrou que a faculdade é muito mais do que isso.

Naquele período, o isolamento era extremo – em São José dos Campos, até os supermercados chegaram a fechar. A falta de atividade e de interação social afetava todos, alunos e professores. Poder manter as aulas, mesmo que online, foi um fator fundamental para preservar a saúde mental de todos. Ter um espaço para encontrar colegas, mesmo que virtualmente, foi essencial para atravessarmos aquele momento tão difícil.

## **9. O que mais te motiva a dar aulas na Fatec?**

Tenho mais contato com ex-alunos dos cursos de Informática, mas também conheço vários dos primeiros alunos de Logística, incluindo o Prof. Marcus Nascimento, atual coordenador do curso. No curso de Informática, o Prof. Jean Carlos e o Prof. Fabrício Galende, ambos excelentes docentes, também são ex-alunos.

Com frequência, reencontro ex-alunos que se destacam profissionalmente, seja em grandes empresas internacionais como Facebook, Oracle, IBM e RedHat, seja em empresas regionais, como a Terra Magna, onde o atual CTO é ex-aluno nosso. Muitos dizem que a Fatec transformou suas vidas. Hoje, a empregabilidade na área de computação é alta, e vários ex-alunos trabalham remotamente, com salários competitivos.

## **10. Considerações finais**

Nos primeiros anos da Fatec, a comunidade era extremamente unida – quase uma família. Havia poucos professores e alunos, e isso criava um senso de pertencimento muito forte. Um exemplo marcante foi a organização da primeira Semana de Tecnologia: os alunos a realizaram sozinhos, sem intervenção de professores. Os alunos de Informática trouxeram palestrantes renomados da área, enquanto os de Logística reservaram um auditório no parque e conseguiram patrocínios para coffee break, decoração e até flores. Todos participaram ativamente – os alunos compareceram de traje social, as recepcionistas usaram vestidos pretos, e até eu fui de blazer para a apresentação. No segundo ano, o evento foi ainda maior.

Esse senso de comunidade foi um fator fundamental para o crescimento da Fatec. Ele criou uma identidade forte entre os alunos, algo que persiste até hoje. Muitos novos estudantes chegam indicados por familiares e amigos: irmãos de ex-alunos, maridos e esposas de formandos, amigos próximos. Esse sentimento de pertencimento é algo que precisamos incentivar, especialmente agora que a Fatec cresceu tanto. Hoje, temos 2.400 alunos e mais de 100 professores. Ainda assim, é essencial que todos sintam que fazem parte de algo maior, que tem um impacto real na cidade e na sociedade. Esse é um dos valores mais importantes que devemos preservar.